

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902091	
CAPÍTULO 2	7
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
Maria Cristina Vianna Kuntz	
DOI 10.22533/at.ed.9381902092	
CAPÍTULO 3	15
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
Ulysses Rocha Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9381902093	
CAPÍTULO 4	24
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
Ana Paula dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9381902094	
CAPÍTULO 5	32
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.9381902095	
CAPÍTULO 6	41
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
Émile Cardoso Andrade	
Thayza Alves Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902096	
CAPÍTULO 7	49
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
Luiz Renato de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.9381902097	
CAPÍTULO 8	58
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
João Felipe Barbosa Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9381902098	

CAPÍTULO 9	69
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9381902099	
CAPÍTULO 10	79
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020910	
CAPÍTULO 11	87
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU</i> : PALAVRAS DE UM XAMÃ <i>YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
DOI 10.22533/at.ed.93819020911	
CAPÍTULO 12	97
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020912	
CAPÍTULO 13	110
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93819020913	
CAPÍTULO 14	117
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM <i>BELÉM DO GRÃO PARÁ</i> DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto	
Augusto Sarmiento-Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.93819020914	
CAPÍTULO 15	127
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020915	
CAPÍTULO 16	136
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho	
Krisna Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93819020916	

CAPÍTULO 17	151
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020917	
CAPÍTULO 18	166
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020918	
CAPÍTULO 19	172
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020919	
CAPÍTULO 20	186
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.93819020920	
CAPÍTULO 21	202
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020921	
CAPÍTULO 22	216
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020922	
CAPÍTULO 23	225
<i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.93819020923	

CAPÍTULO 24	236
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
DOI 10.22533/at.ed.93819020924	
CAPÍTULO 25	242
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierly Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaubia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.93819020925	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM *A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER* DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH

Émile Cardoso Andrade

POSLLI/ Universidade Estadual de Goiás – Campus
Cora Coralina

Cidade de Goiás – Goiás

Thayza Alves Matos

POSLLIT/ TEL - Universidade de Brasília
Brasília – Distrito Federal

RESUMO: Em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch (2016), evidencia-se uma nova perspectiva sobre o campo de batalha: relatos e testemunhos de mulheres combatentes soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Os depoimentos destas mulheres abre o debate em torno da noção do fim das grandes narrativas de que trata Walter Benjamin (2012) e suas relações com o trauma. Sabendo-se que todo testemunho sobre um determinado evento é sempre perpassado pela memória e pela lembrança, é possível associar a obra de Aleksievitch com a reflexão de Jeane Marie Gagnebin, em cujo estudo promove uma discussão acerca dos silenciamentos e esquecimentos em contraposição ao poder do relato oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Svetlana Aleksievitch; *A guerra não tem rosto de mulher*; Testemunho feminino; Segunda Guerra Mundial; Silenciamento feminino

THE SILENCE OF FEMALE WITNESS AT
WAR'S UNWOMANLY FACE BY SVETLANA
ALEKSIÉVITCH

ABSTRACT: War's Unwomanly face, by Svetlana Aleksievitch (2016), a new perspective on the battlefield is revealed: reports and testimonies of Soviet women combatants in World War II. The testimonies of these women open the debate around the notion of the end of the great narratives that Walter Benjamin (2012) treats and its relations with the trauma. Knowing that all testimony about a particular event is always permeated by memory and remembrance, it is possible to associate the work of Aleksievitch with the reflection of Jeane Marie Gagnebin, in whose study it promotes a discussion about the silencing and forgetfulness in opposition to the power of the official account.

KEYWORDS: Svetlana Aleksievitch; War's unwomanly face; Women's testimony; Second World War; Silencing women

Se renuncias ser mulher não sobrevive a guerra. Nunca invejei os homens. Nem durante a guerra. Sempre me alegrei de ser mulher.

A guerra não tem rosto de mulher,
Svetlana Aleksievitch

Desde a história antiga temos como parte

de toda uma tradição ocidental as narrativas sobre guerras. Da Guerra do Peloponeso a do Iraque, relatos sobre como se iniciaram as querelas, quais eram as estratégias, comandantes e generais, vencedores e perdedores, e os desdobramentos dessas sobre os territórios que atingiram chegam até nós por meio de jornais, periódicos, filmes, seriados de televisão e também, pela literatura. Mas devemos observar algo nestas narrativas. A guerra como local da violência e da virilidade é marcado pela perspectiva masculina. Não há uma proeminência de relatos femininos sob essa perspectiva e por isso é provável que a obra de Svetlana Aleksíévitch tenha atingido o circuito literário de forma a chamar tanta atenção, sendo agraciada com o Prêmio Nobel em 2015.

A narrativa que nasce do testemunho de mulheres cuja vivência na/da guerra não costuma figurar entre os relatos mais publicados e lidos. Conhecemos alguns textos oriundos da experiência da perseguição, prisão e outros horrores do Holocausto, e, nesse sentido tomamos contato com obras que nos falam sob o ponto de vista da vítima, do prisioneiro, do fugitivo. O livro de Svetlana Aleksíévitch, *A guerra não tem rosto de mulher* (2016), se apresenta a partir de um outro lugar de fala: o das mulheres russas que lutaram no front na Segunda Guerra Mundial. São histórias silenciadas durante um certo período e que agora vêm à tona revelando o caráter multifacetado dessa experiência: às mulheres não esteve reservado apenas o lugar dos bastidores da guerra (como os hospitais e as cozinhas do front), mas sim todos os espaços e serviços foram por elas frequentados e prestados: as mulheres russas foram combatentes em campo de guerra, fizeram parte das tropas de artilharia, algumas chegaram a ser fuzileiras, outras dirigiram tanques. Ou seja, apesar de o espaço da guerra ser um ambiente sempre imaginado a partir de perspectivas masculinas, as mulheres tiveram participação efetiva nesse processo bélico chamado Segunda Guerra Mundial.

Essa perspectiva nos possibilita a refletir como a narrativa, a fala sobre um evento, é um privilégio dado a poucos, que chancela, neste caso, uma história que é oficial e sendo assim, acaba por marginalizar todas as outras perspectivas e narrativas sobre o mundo. O discurso feminino, seu relatos e suas experiências parecem figurar nesse lugar à margem da historiografia tradicional.

As singularidades da experiência feminina no front são talvez o aspecto mais marcante da narrativa de Svetlana. O sofrimento de estar em combate parece neutralizar e anular todas as particularidades da vivência da mulher, retirando dela aquilo que lhe confere identidade, cultura e até a própria construção social da feminilidade. Os testemunhos são variações sobre este mesmo tema: mulheres que pararam de menstruar, mulheres que sofreram a difícil tarefa de ter se acostumar a usar cuecas, mulheres que sangravam os pés por serem obrigadas a usar botas com numeração muito superior, mulheres que tinham seus cabelos raspados, mulheres vivendo sem o mínimo de condições de higiene atacadas por pulgas e outros parasitas, e ao fim e ao cabo, mulheres que sofreram julgamento moral que partia daqueles que não viveram a guerra. A memória de usar um vestido, calçar um salto alto ou passar perfume era

um artifício sempre utilizado na tentativa de ganhar e viver, ao menos, uma esperança.

No trecho abaixo temos o relato de uma dessas sobreviventes, que relata a experiência do retorno após a guerra como algo marcante:

Voltei da guerra com cabelos brancos. Vinte e um anos, e minha cabeça toda branquinha. Tive um ferimento grave, uma lesão, escutava mal de um ouvido. Minha mãe me recebeu com as palavras: 'Eu acreditei que você voltaria. Rezei por você dia e noite'. Meu irmão morreu no front. Minha mãe chorava: 'Agora dá no mesmo ter meninos ou meninas. Mas ele, apesar de tudo, era homem, era obrigado a defender a pátria; você é uma garota. Só pedia uma coisa Deus: se você fosse mutilada, era melhor que a matassem. Ia sempre na estação. Esperar os trens. Uma vez, vi uma moça militar com o rosto queimado... Estremeci: seria você?! Depois passei a rezar por ela também' (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.53)

Os testemunhos sobre um determinado evento são sempre tecidos pela memória e pela lembrança, o que acaba por constituir um terreno de silêncios e silenciamentos. O que vemos na obra de Aleksievitch é um esforço em tentar recuperar o olhar dessas mulheres sobre um evento tão doloroso. Por ter nascido na Bielorrússia, Aleksievitch teve contato direto com mulheres que lutaram e sobreviveram as investidas alemães. Quase um milhão de mulheres participaram do Exército Soviético, um dos (se não o maior) contingente feminino no período.

Mas a presença dessas mulheres e moças foram apagadas com o tempo, apesar de todo esse quantitativo. O que observamos nas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial são relatos masculinos e que partindo de um local de fala privilegiado em um mundo patriarcal, generalizante e totalizante. *A guerra não tem rosto de mulher*, nos traz um entrelaço da narrativa de Aleksievitch e de testemunhos em primeira pessoa de centenas de mulheres das quais a autora recolheu os depoimentos em um trabalho árduo de busca daquilo que havia sido sistematicamente enterrado.

Assim, temos como produto final dois relatos: o daquelas mulheres que sobreviveram a guerra, com todas as suas mazelas, seus traumas e lembranças e o da busca da autora por esses relatos, que foram silenciados e que por tanto, se tornaram quase inacessíveis e que provocaram em Svetlana Aleksievitch uma reflexão diante desta busca.

A ganhadora do Nobel de 2015 passou a infância ouvindo das mulheres de sua família sobre as monstruosidades vividas no campo de batalha e foi a partir dessa vivência como ouvinte que acabou por projetar esta pesquisa, cujo resultado é *A guerra não tem rosto de mulher*. A investigação de Aleksievitch se inicia em 1978 e possui encontros e desencontros, questão explicitada veementemente pela autora em sua escrita. Assim, com muito cuidado e delicadeza, a pesquisadora vai ao encontro destas mulheres, compreendendo que cada uma delas possuem um modo particular de experimentar esse passado através da narração. Existem desde aquelas que se permitem falar logo no primeiro contato com a escritora, até aquelas que precisam de um longo tempo de maturação da ideia de ser

entrevistada sobre esse tema.

As pessoas me recebem e narram de formas diferentes... Umas começam a contar imediatamente, já pelo telefone: “Eu me lembro... Guardo tudinho na memória, como se fosse ontem...”. Outras postergam o encontro e a conversa por muito tempo: “Preciso me preparar... Não quero cair naquele inferno de novo...”. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.144)

Sendo uma obra que tem como centralidade a perspectiva feminina, Aleksievitch não se ausenta do debate, como uma se fosse somente uma investigadora e um repositório dessas histórias, mas se coloca também, como parte deste silenciamento sofrido por mulheres. Apesar de todas as histórias sobre a guerra – sempre contadas por homens, suas vitórias e patentes – a autora por nascer e crescer na Bielorrússia, possuía desde pequena outra imagem da guerra, ou pelo menos, das histórias sobre ela.

A vila de minha infância depois da guerra era feminina. Das mulheres. Não lembro de vozes masculinas. Tanto que isso ficou comigo: quem conta a guerra são as mulheres. Choram. Cantam enquanto choram. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.10)

As histórias de infância de Aleksievitch, em que mulheres contavam sobre o que havia ocorrido na guerra, se diferiam daquelas relatadas nos livros de histórias, que ainda de acordo com a própria autora, eram muitos, durante sua vida. A memória da guerra era muito forte ainda, não só em sua vivência, mas em toda a Rússia pós União Soviética.

E, ao fim da guerra, com a vitória dos russos, o que sobra dessas mulheres, testemunhas vivas da batalha? Além do trauma da experiência, a guerra deixou um silêncio quebrado apenas agora, na reunião desses relatos compilados por Svetlana. A obra permite dar a voz àquelas que foram silenciadas pelos homens, sujeitos que julgam incapazes ou fantasiosos os relatos femininos sobre a guerra. Ou seja, além de ter de lidar com seus próprios traumas, as mulheres se veem impedidas de contar suas vivências pelos companheiros de luta, como se fosse exclusividade da voz masculina o direito de falar. Em outras palavras, não é propriamente o trauma que interrompe o relato feminino, mas as condições de opressão masculinas que interdita o direito dessas mulheres de expor suas experiências.

A interdição masculina das falas sobre a guerra a partir das vozes femininas se torna evidente durante toda a tessitura da obra de Aleksievitch, se colocando como mais um empecilho a ser superado para a realização do trabalho.

Os homens... A contragosto eles deixam as mulheres entrar em sua guerra, em seu território.

Fui procurar uma mulher na fábrica de tratores de Minsk; ela tinha sido francoatiradora. E famosa. Apareceu mais de uma vez em manchetes de jornal. As amigas dela me

deram o número o telefone de sua casa em Moscou, mas era antigo. Sobrenome também, eu só tinha o de solteira. Fui à fábrica onde, como eu sabia, ela trabalhava, e no departamento pessoal escutei dos homens (do diretor da fábrica e do chefe do departamento): “Por acaso falta homem para isso? Para que você quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...”. Os homens tinham medo de que elas não contassem direito a guerra. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.21)

Traçando um caminho de diálogo entre a experiência e a obra de Aleksievitch, nos debruçamos sobre o trabalho de Jeanne Marie Gagnebin em *Lembrar, Escrever e Esquecer* (2009), que procura tecer uma reflexão o trânsito entre o lembrar e o esquecer, mantendo um diálogo com a obra de Walter Benjamin.

A perda da experiência acarreta um outro desaparecimento, o das formas tradicionais de narrativa, de narração, que têm sua fonte nessa comunidade e nessa transmissibilidade. As razões dessa dupla desaparecimento provêm de fatores históricos que, segundo Benjamin, culminaram com as atrocidades da Grande Guerra — hoje, sabemos que a Primeira Guerra Mundial foi somente o começo desse processo. Os sobreviventes que voltaram das trincheiras, observa Benjamin, voltaram mudos. Por quê? Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras (GAGNEBIN, 2006, p.50/51).

Essa observação de Benjamin sobre a mudez daqueles que retornaram do front foi amplamente aceita e realmente se aplicam em alguns casos. Porém, essa mudez não dá conta de toda uma vivência da guerra, das suas batalhas. Ainda mais quando voltamos nosso olhar para a perspectiva feminina sobre a guerra.

Esses relatos, diferentemente do que observa Benjamin, não foram sofrerem apenas o trauma “porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras”, mas por uma condição social que determina o local de fala das mulheres e suas vivências.

Benjamin (2012) nos coloca que “a guerra não enriqueceu o sujeito de experiência, mas sim o deixou mudo”, porém, nos questionamos quem é o sujeito que se refere Benjamin. O trauma da batalha foi experimentado de diferentes formas, porém, o direito de fala foi dado aos homens, aqueles que deveriam obrigatoriamente ir à guerra, defender sua pátria. Para as mulheres, o retorno do front não significou as honrarias e glórias daquilo ao que haviam sobrevivido e batalhado tão bravamente.

O que podemos inferir dessa disparidade de tratamentos passa pela condição feminina dentro da sociedade ocidental, que a encara como uma espécie de cidadã de segunda classe. Essa organização social que marginaliza a mulher e sua vivência não é uma novidade do século XX, mas uma construção histórica e social que encontra suas origens nos primórdios de estruturas patriarcais.

Essa condição de inferioridade delegada a figura da mulher muito tem a ver com “destino biológico” que entende a mulher como inferior ao homem em sua força física, sua capacidade intelectual, sendo relegada simplesmente a reprodução no papel da maternidade. Simone de Beauvoir em *O segundo sexo: a experiência vivida* (1980) tece uma reflexão sobre como tanto a condição feminina quanto a masculina pouco

tem a ver com a disposição biológica do sujeito, mas com uma construção social que impõe esses papéis de gênero dentro da sociedade.

Beauvoir argumenta que a palavra “ser” deve ser entendida sob a ótica hegeliana, compreendendo que “ser” quando tratamos da mulher está ligado a “ser inferior” e nesse sentido, a uma substancialidade, como se ser mulher deliberadamente significasse ser incapaz, algo que fosse de sua natureza. Dessa forma, Beauvoir coloca que “ser é ter-se tornado, é ter sido feito tal qual se manifesta”, saindo da ideia de que “ser inferior” é natural, mas uma condição imposta – que para se concretizar há uma contraposição entre esse “ser inferior” e alguém ou algum grupo que se manifesta como superior.

Compreendendo isto, vemos que a condição social ao qual a mulher é relegada passa por essa interdição em que um grupo se coloca superior. Assim, chegamos a máxima da autora: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. O tornar-se mulher está diretamente ligado ao modo que a fêmea humana é socializada e o mesmo se aplica ao macho humano, que se torna homem diante das condições sociais que são colocadas em sua experiência.

A mulher, marcada por seu sexo, tem seu discurso deslegitimado e com isso, sua participação na história oficial é negada, tida majoritariamente como incapaz de falar por si, em um discurso recorrente de incoerência e imprecisão atingida por fortes emoções. A professora brasileira Maria Lúcia Rocha Coutinho traz em um de seus trabalhos uma importante observação sobre a relação entre figura da mulher e a história oficial:

Faz-se necessário remover a mulher da posição de obscuridade em que ela se tem mantido por séculos nos livros e compêndios tradicionais da história. Afinal, sem ela a história mesmo como tem sido escrita em seu sentido mais amplo e convencional, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.15)

Setenta e dois anos após o término da guerra, temos um exercício realizado por Aleksievitch de busca dessa experiência inominável, e vemos como a ausência do discurso feminino interfere diretamente com a imagem que temos da presença da Rússia na Grande Guerra. Na história oficial – a salvo de poucas exceções – a figura da mulher aparece em um local de protagonismo e ainda nessas ocasiões, seu próprio discurso é negligenciado, não lhe sendo concedida a mesma oportunidade de falar até mesmo sobre sua própria história.

O espaço ocupado pela história oficial demanda uma reverência a memória, que se corporifica de diversas formas, entre elas, a comemoração e a celebração dessa memória. Jeanne Marie Gagnebin realiza uma importante reflexão a este respeito:

[...] então o discurso sobre o dever de memória corre o risco de recair na ineficácia dos bons sentimentos ou, pior ainda, numa espécie de celebração vazia, rapidamente confiscada pela história oficial. Propria, então, uma distinção entre a atividade de *comemoração*, que desliza perigosamente para o religioso ou, então, para as celebrações de Estados, com paradas e bandeiras, e um outro conceito,

o de *rememoração*, assim traduzindo aquilo que Benjamim chama de *Eingedenken*, em oposição à *Erinnerung* de Hegel e às várias formas de apologia. (GAGNEBIN, 2009, p. 54)

Gagnebin nos traz a contraposição entre as ideias de *comemoração* e *rememoração*, de forma que a comemoração, que abrangida pela história oficial, promove um entendimento de memória em que reverência por meio da solenidade para com o passado. Nessa celebração que é ligada com a história oficial, a história das mulheres, por ser marginalizado, não participa ativamente. Homenagens como a nomeação de ruas e avenidas, monumentos de vínculo com a memória tomam como referente a história oficial e esta não contempla a presença feminina na guerra e suas narrativas, por exemplo. A apresentação que muitas vezes é feita da história oficial é de uma história completa, que ao ostentar o estatuto de verdade, pode acabar totalizante.

Chimamanda Adichie em uma de suas falas denominada *O perigo de uma única História* nos fala sobre os riscos de se imergir em uma única história. A partir de histórias pessoais e renomada escritora nos coloca como ao “mostrar um povo como uma coisa, como uma só coisa, incontáveis vezes, é isso que ele se torna” (2019). Compreendendo povo como grupo social, podemos inferir o mesmo sobre a condição da mulher na história. Representada em inúmeras ocasiões como uma figura frágil, débil e incapaz, a imagem que se tem da mulher muitas vezes é essa.

A rememoração, por outro lado, partiria de uma outra abordagem sobre a memória, abraçando as lacunas e abrindo espaço para aquilo que não foi dito, que não foi lembrado.

Tal rememoração implica certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança, nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente. (GAGNEBIN, 2009, p.55)

Partindo da própria atividade historiadora que se abre ao desconhecido em busca de conhecimento, a rememoração compreende os vãos que se abrem ao voltarmos nosso olhar ao passado como uma oportunidade de apreender fatos, lembranças e discursos que por alguma razão não se fazem conhecer.

Obras como a de Svetlana transformam nossa percepção da experiência de guerra no século XX e colocam a figura feminina em seu lugar de direito: como sujeito de suas ações, afirmando-se como indivíduo produtor/autor de suas próprias memórias, modificando, por fim, o entendimento do que é a espantosa vivência no front e os lugares da mulher nessa ação humana.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. “O Perigo da História Única”. In: **Ted’s Talks**. Disponível em: encurtador.com.br/iLW9. Acesso em 15 de maio de 2019

ADICHIE, Chimamanda. **Sejam Todos Feministas**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida** (Vol. 1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROCHA-COUTINHO, M.L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8

